



Moradores de São Paulo passam a usar celular sem Pix na rua

O celular virou o principal foco dos roubos e furtos, já que permite multiplicar o prejuízo das vítimas com invasões de contas bancárias



O médico Raul Barros, de 28 anos, esperava um carro de aplicativo na porta de um bar próximo ao Edifício Copan, no centro da capital paulista, quando teve o celular furtado por um ladrão de bicicleta.

Com o susto, ele foi rapidamente para casa, na Vila Clementino, zona sul, e tomou as providências para bloquear o chip e a conta bancária o quanto antes. Não foi suficiente: no pouco tempo que demorou até travar as transações, **Raul teve R\$ 6 mil desviados de sua conta via Pix**, ferramenta de pagamento do Banco Central.

O roteiro do caso, que ocorreu no fim do ano passado, não é exatamente novo, mas serviu de empurrão para Raul adotar medidas de segurança. "Teve que acontecer comigo para que tomasse uma atitude", explica.

Além de comprar um celular novo, o médico agora usa um aparelho mais velho, que estava encostado no armário, só para fazer transações.

A alta de roubos, que afeta sobretudo áreas centrais e bairros nobres, **tem feito os paulistanos manterem um aparelho reserva em casa por segurança.** No que levam ao sair, **deixam no máximo um aplicativo de banco, e com pouco dinheiro.**

Diante dos casos de roubo, amigos de Raul adotaram medidas desse tipo há algum tempo e indicaram que ele fizesse o mesmo. "Fui adiando, e aí roubaram meu celular", diz o médico, que conta ter sido ressarcido pelo banco. **Agora, Raul mantém só um aplicativo para fazer transações pelo celular principal, com limite baixo, e aplica ainda estratégias como uso de senha no chip.**

"Quando saio de São Paulo, coloco dinheiro na conta do meu celular da rua, quanto acho mais ou menos que vou precisar, e faço dessa forma.

Se surgir alguma coisa que tenho que fazer, explico que não estou com dinheiro e paciência, tenho que esperar a hora de chegar em casa", diz. Segundo o médico, a popularização do Pix fez aumentar a preocupação. **"É muito rápido e você faz a transferência para outros bancos, então aumenta muito a chance de golpe."**

O celular virou o principal foco dos roubos e furtos, já que permite multiplicar o prejuízo das vítimas com invasões de contas bancárias. Como mostrou o *Estadão* em abril, os altos lucros obtidos com crimes desse tipo **atraíram a atenção inclusive do Primeiro Comando da Capital (PCC)**.

Segundo a polícia, a facção cooptou uma quadrilha que atua na Bela Vista. **Pela proximidade de bairros nobres, o local se tornou um dos epicentros dos roubos**, mas os relatos se espalham por toda a cidade.

LEIA TAMBÉM: Bandidos miram os smartphones não pelos aparelhos, mas pelas senhas

Na percepção da editora de áudio Jessica Correa, de 27 anos, a segurança na área central piorou nos últimos anos, mas ela não relaciona o problema ao Pix. "Acho que é mais pela situação da cidade, que está largada às traças", diz.

Moradora da Bela Vista, ela adotou um celular reserva diante da situação. **"A sensação que eu tenho é que a gente tem um caixa eletrônico na nossa sala. É meio esquisito, mas é o que eu estou fazendo atualmente para me sentir segura."**

No celular principal, Jessica mantém apenas um aplicativo de banco, com pouco dinheiro e limite baixo para transações. "Às vezes preciso fazer uma compra maior e agora preciso me planejar para sair de casa, para aumentar o limite", explica.

Ela relata que vários amigos também estão adotando a medida, o que ajuda a ter segurança sobretudo em situações de maior risco. "Ando muito de ônibus pela cidade, e às vezes desço em alguns pontos com mais gente, essas são as situações que normalmente me deixam mais insegura."

Morador do mesmo bairro, o analista administrativo Lucas Romeiro 30 anos, teve o celular furtado há cerca de dois meses

na estação Paulista do metrô. **Um homem tirou o aparelho do seu bolso na área de embarque.**

Ao perceber, ele tentou reagir, mas foi distraído pelo que acredita ser um comparsa do ladrão. Na correria, os suspeitos entraram no vagão e ele permaneceu fora, na estação. **"Quando relatei aos guardas, disseram que tinha acontecido outro caso parecido alguns minutos antes."**

Apesar do furto, ao menos não foram feitas transferências por Pix do celular de Lucas. **Há cerca de um ano, ele passou a manter um celular em casa, por precaução, para acessar os principais aplicativos de banco.**

Quando sai, leva um aparelho com apenas um aplicativo - na conta, ficam R\$ 100.

Recentemente, ele também desativou a opção de empréstimos depois de ver o post de um publicitário que teve um prejuízo de mais de R\$ 140 mil (ele foi ressarcido após a repercussão do relato). **"Por causa desse caso, alguns amigos me deram essa dica de bloquear empréstimos"**, explica.

Lucas conta que quando começou a morar na cidade a percepção de segurança era maior.

Com o tempo, contudo, teve de se adequar. "Costumava me sentir seguro, por exemplo, na Avenida Paulista quando me mudei para São Paulo há cerca de 4 anos, mas hoje eu já não me sinto nada seguro", relata.

Atualmente, ele adota desde aplicativos para bloqueio, **como o AppLock, a soluções de segurança como o Cerberus**, que pode ser configurado para disparar a câmera frontal toda vez que o usuário erra a senha de acesso do aparelho e enviar a um e-mail de preferência.

[LEIA TAMBÉM: Sem golpes: 7 dicas para proteger apps e smartphones](#)

Aparelho de guerra

A estratégia usada pelo blogueiro de moda Guilherme Cury, de 33 anos, é um pouco diferente. Depois de passar por uma tentativa de furto, ele e a namorada, que moram na Vila Buarque, região central, **decidiram adotar um celular antigo.**

Mas não para deixar em casa, e sim para levar à rua quando eles têm de sair à noite ou ficar fora por mais tempo. "É mais um 'aparelho de guerra' mesmo", explica Guilherme, que conta que **o celular não tem nem mesmo WhatsApp.**

O governo de São Paulo lançou neste mês a Operação Sufoco, focada em roubos e furtos.

"Até sexta-feira, 13, as polícias Civil e Militar já tinham apreendido 2,9 mil celulares, mais de 100 armas de fogo, além de centenas de itens de informática, máquinas e cartões bancários", informou a Secretaria de Segurança Pública.

O Banco Central informou que novos mecanismos entraram em vigor para tornar o Pix mais seguro. Citou como exemplos o bloqueio cautelar, a notificação de infração e a ampliação da responsabilização das instituições.

A Federação Brasileira de Bancos (Febraban) afirmou estar atenta aos relatos de crimes envolvendo Pix e reforçou que "cada instituição financeira tem sua própria política de análise e devolução". As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

https://exame.com/brasil/moradores-de-sao-paulo-passam-a-usar-celular-sem-pix-na-rua/?utm_source=thenewsc&utm_medium=email&utm_campaign=referral